



Mulher, Liberdade e Vida

Severina 150

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA



L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I Nº 4 Brasília, 8 de março de 1993

Grande figura de mulher e musicista, a prof^a ODETE ERNEST DIAS analisa neste artigo as repressões sociais sofridas por MOZART no século XVIII e coisas parecidas que andou presenciando na atualidade brasileira. No fim do artigo a autora faz uma tocante apologia do amor à música, apesar dos preconceitos sociais contra os músicos.

A volúpia da música: contrapontos dissonantes

Odette Ernest Dias

Universidade de Brasília

Apropos ... Mozart gostava muito de começar suas cartas com a expressão "à propos", em francês. Entrava assim, coloquialmente, no vivo do assunto que o preocupava no momento, quando nos comunicamos facilmente com seu dia-a-dia.

Dia-a-dia de músico profissional, não muito diferente daquele dos seus colegas de profissão de hoje, profissão às vezes suspeita, marginalizada, desconsiderada até como profissão. Muitos pais ainda se indignam quando o filho declara que vai ser músico. Até nas instituições acadêmicas, como, por exemplo, nas universidades, os músicos são marginalizados devido à dificuldade de avaliação de seu trabalho — trabalho que dá prazer — suspeito! Um pequeno episódio pessoal: uma amiga de minha mãe me perguntou o que eu fazia na vida. Respondi que eu era professora universitária. Veio um "Ah! (admirativo)", quando ela prosseguiu, indagando em que área eu atuava — na música — veio um Ah ... (depreciativo).

Acompanhemos porém a trajetória de Mozart em sua correspondência, onde ele mostra, do começo ao fim de sua vida, um envolvimento musical em todos os aspectos; na criação, na execução, no ensino e até na produção, como se diz hoje. Suas cartas são o reflexo da sua luta pela sobrevivência, de suas dificuldades nas relações com o poder e da sua persistência em preservar sua dignidade pessoal.

Através do retrato dessa luta cotidiana aparece claramente, e sem necessidade de uma linguagem estética e filosófica, o significado profundo da música para ele e para o homem de todos os tempos. Neste ponto, pode surgir um paradoxo: como a transcendência da luz da linguagem mozartiana pode coexistir com as preocupações triviais do dia-a-dia? Ele não deveria ser uma pessoa desligada dos problemas materiais? É justamente nesse ponto que o paradoxo se desfaz. As dificuldades que ele atravessava eram

tão intimamente ligadas à sua condição de músico profissional que elas se tornavam parte indispensável da sua emoção e da sua criação. O mito de Mozart anjodesaparece em favor da presença do homem, de uma genialidade sempre em confronto com a adversidade e talvez mais forte por isso mesmo. Ou será que esse anjo é mais anjo justamente por ser homem?

A leitura seguida das cartas de Mozart retrata de maneira constante a sua luta contra as dificuldades materiais e sociais ligadas à profissão. Os músicos que lerem estes artigos vão reencontrar aqui situações familiares. Vale citar, do livro *Chega de saudade* de Ruy Castro o seguinte trecho:

Em 1956, pessoas de boa família não se misturavam a músicos e cantores, exceto ao contratá-los para tocar em suas festas, caso em que estes entravam e saíam pelos fundos.

Qual era a condição social de Mozart? Deixemos que ele mesmo fale e, paralelamente, apresentemos algumas situações atuais muito parecidas.

(Mozart) — ... Eu não sabia que era um criado de quarto (valet de chambre), foi isso que me perdeu. Eu deveria todos os dias da manhã gastar algumas horas ficando de plantão, à disposição... (carta 165, a seu pai, Viena, 12 de maio de 1781)

— ... que distinção me acordava o arcebispo? Os Srs Kleinmayer e Bonickl têm uma mesa separada com o Conde d'Arco2; se eu ficasse nessa mesa seria uma distinção, mas não com os valets de chambre, que depois de deixar seus lugares de honra na mesa, acendem os lustres, abrem as portas e devem ficar no vestibulo, enquanto estou na sala com os cozinheiros... (carta 158, Viena, 24 de março de 1781).

E hoje, como é? Vejamos dois exemplos:

— Brasília — Águas Claras, residência oficial do governa-

dor do Distrito Federal — durante um almoço de senhoras de embaixadores e políticos, onde eu tocava com o Clube do Choro, fiquei na situação ambígua de ou me sentar numa das mesas como conhecida de muitos e convidada para isso, ou compartilhar a mesa dos músicos... Procuramos a tal mesa, não tinha... Os músicos iam comer na copa, com louça rachada, sem guardanapos e sem atendimento de garçons. A minha solução foi de não almoçar.

— Salvador — Fui tocar numa festa de aniversário convidada por um grupo de chorões baianos, conhecidos meus. Apartamento luxuoso, no bairro de Brotas. Os músicos entraram pela porta dos fundos e foram convidados a se sentar na área de serviço; esperando o chamado para tocar. Foram servidos de cerveja e sanduíches de mortadela. Depois de um certo tempo, aparece na copa o dono da casa que me reconheceu (eu tinha morado na Bahia, anos antes, quando meu marido era gerente de um banco). Depois de muita surpresa, ele insistiu em me levar para a sala, onde me ofereceram uísque e canapés de caviar. Como esposa de gerente de banco eu subia imediatamente na escala social!

E os honorários do músico? Mozart era muitas vezes retribuído com presentes, objetos de luxo, geralmente inúteis, como o relógio que ele recebeu de um nobre senhor.

(Mozart) ... Fui buscar meu presente (seria o cachet de hoje) na casa do Conde Savioli3. É bem o que eu imaginava: nada de dinheiro, mas um belo relógio de ouro. Eu teria preferido no momento dez carolins a esse relógio estimado em vinte carlins com a corrente e os berloques. Em viagem, a gente precisa de dinheiro e, com sua licença, tenho agora cinco relógios. Assim tenho vontade de mandar fazer um segundo bolsinho em cada uma das minhas calças e, quando me apresentar a um senhor da nobreza, usarei dois relógios ao mesmo tempo (aliás, é moda atualmente) para

ninguém ter a idéia de me apresentar com um novo (carta 88, a seu pai, Manhein, 13 de novembro de 1772).

Só ao tempo de Mozart? Vejamos pois:

— Rio de Janeiro — Convidada para dar um concerto na casa de um grande industrial (recital de música barroca), me entregaram, com muita cerimônia, um pequeno anel de ouro no lugar do cachet.

O serviço músico era considerado enquanto servia a contento. Quando Mozart manifestou seu desejo de independência, de deixar a corte do Arcebispo de Salzburgo, o mesmo lhe disse as maiores impertinências e o Conde d'Arco jogou Mozart pela porta afóra com um pontapé no ... (carta 178, Viena, 13 de junho de 1781).

Mozart se libertou do serviço do arcebispo para se tornar *free lance*, ensinando, tocando e compondo. Mas o *free lance* sofria, como sofre até hoje, o mesmo tipo de repressão e discriminação, só que numa escala maior, a de toda a sociedade. Nessa nova situação de liberdade aparente, a luta contra o desprezo e a indiferença dos poderosos continua a mesma.

(Mozart) ... Não poderei conseguir sobreviver sem ter alunos e esse é um tipo de trabalho para o qual não nasci. Aqui tenho disso a prova viva. Poderia ter tido dois alunos. Fui três vezes na casa de um deles e ele não estava. Não voltei mais. (carta 106, a seu pai — Manhein, fevereiro de 1778).

A comparar-se com a experiência que tive eu própria:

Brasília — Asa Sul — Depois de muito solicitada, aceitei dar aulas particulares de flauta a um Senhor Deputado Federal, na casa dele, isso contra todos meus princípios. Foi combinado um pagamento mensal. Na quarta aula, não encontrei esse senhor. Ele tinha viajado sem me avisar e nunca mais deu notícias... nem pagamento.

(Mozart) ... Teria o executante mais sorte que o professor? ... Nessa primeira visita à Senhora de Chabot4, tinha ela me convidado a voltar dentro de oito dias! Cumprido o prometido e fui. Tive de esperar meia hora numa sala grande, gelada, sem calefação e sem lareira. Até que enfim, a Senhora de Chabot chegou com a maior civilidade e me pediu para me contentar com o piano que aí estava — já que nenhum outro estava em boas condições. Falei que tocaria de muito boa vontade alguma coisa, mas, que no momento, era impossível. Não sentia meus dedos de tão congelados — e pedi que me levasse pelo menos num cômodo onde tivesse uma lareira. Oh, *si monsieur*, o Sr. tem razão, foi toda sua resposta. Ela sentou-se e começou a



desenhar durante uma hora inteira em companhia de outros senhores que estavam sentados, em círculo, em volta de uma grande mesa. As janelas e portas estavam abertas, sentia frio, não somente nas mãos, mas pelo corpo todo e a cabeça começava a doer. Não sabia o que ia ser de mim com esse frio, essa dor de cabeça e esse tédio. Enfim, para acabar com essa situação toquei nesse miserável e detestável piano-forte. Mas, o mais vexatório foi que a Senhora de Chabot e todos esses senhores não interromperam em nenhum momento o seu desenho, continuando o tempo todo, de forma que tive de tocar para as poltronas, as mesas e as paredes... (carta 116, a seu pai, Paris, maio de 1778).

Essa cena é muito eloquente para qualquer músico instrumentista. Como tocar com o frio no corpo e na alma, em meio à indiferença total?

... Em Salzburgo, há muitas pessoas que não quero frequentar e para os outros sou de linhagem muito baixa. Nenhum incentivo para meu trabalho quanto toco. É exatamente como se tivesse como ouvintes somente poltronas e mesas. (carta 169 — a seu pai — Viena 26 de maio de 1781).

Hoje, seria diferente? Vejamos:

— Brasília — Lago Sul — Fui tocar na missa de aniversário de 80 anos de uma senhora, numa bela residência desse bairro elegante. Quando cheguei, para me colocar à vontade, a dona da casa pediu que eu esperasse a hora da missa num ... quarto de despejo onde tinham empilhado os móveis inúteis à recepção. Quando, apesar de tudo, eu fui cumprimentar a aniversariante, que descobri ser parente de minha nora, criei o maior constrangimento. Ninguém conversou comigo na fila, ninguém comentou as músicas que tinha executado. Me senti ao mesmo tempo furiosa, humilhada, e como se tivesse cometido uma gafe monumental. Senti que, como musicista, era excluída da festa. Eu deveria ter é sumido depois da missa...

E a respeito do pagamento das atividades musicais? Sempre o desprezo, a incerteza e cada vez mais as dívidas que o colocavam na mão de agiotas:

(Mozart)... Mas tivemos concerto ontem. Agora eu espero para ver se vou receber alguma coisa. Se não receber nada, irei até o arcebispo e direi claramente: se ele não quer que eu lucre nada, pelo menos que me retribua de tal forma que eu não seja obrigado a gastar meu próprio dinheiro (carta 157, Viena, 17 de maio de 1781).

Vejamos hoje:

Brasília — Foyer do Teatro Nacional, coquetel com concerto organizado por um gran-

de banco americano de São Paulo para um vernissage. Para receber o cachet, dois meses depois, foi preciso gastar em telefonemas interurbanos quase o equivalente desse cachet.

(Mozart)... Falemos agora do problema do dinheiro. Minha aluna ficou três semanas no campo; não tinha então nada a receber, enquanto eu ia gastando... Como eu tinha esperança para as subscrições (vendas dos seus livros de composições e de bilhetes para recitais), eu quis esperar até poder mandar-lhe a quantia prometida, mas, eis que a Condessa Thun6 me disse que, até o outono, não se pode pensar nas subscrições porque todas as pessoas que têm dinheiro estão no campo. (Carta 179, a seu pai, Viena 25/08/1781).

É possível entender por que, nesse dia-a-dia tão difícil e incerto, Mozart vivia em apertos financeiros que o obrigavam frequentemente a pedir dinheiro emprestado, num tom quase desesperado. A leitura dessas mensagens dramáticas nas suas cartas destrói a fama

conservar a serenidade, a cabeça livre e prazer no trabalho (Carta 145, a seu pai — Munique, 24/11/1780).

Conservar o prazer. Acho que tocamos aqui no âmago da questão.

Não seria esse prazer a chave do mistério? Afinal por que tanto destrato? É preciso voltar ao significado dessa linguagem aparentemente simples, mas tão profunda, que é a linguagem do som.

Mozart se define como alguém que se expressa essencialmente pelo som. Ele é um músico.

(Mozart) ... Não posso escrever em versos, pois não sou poeta. Não posso distribuir cores artisticamente para produzir sombras e luzes, pois não sou pintor. Não posso expressar meus pensamentos com signos e pantominas, pois não sou dançarino. Mas posso fazê-lo com os sons, pois sou músico. (Carta 87, Manheim, 8 de novembro de 1777).

Já ouvi muitas vezes refle-

que isolamento, apesar da raiz comum às duas palavras) permitia-lhe refugiar-se na parte mais alegre dele mesmo onde brincava com o som da mesma forma que sabia fazê-lo com as palavras (lembremos-nos que ele era um grande jogador de bilhar, assim como também Villa-Lobos, outro brincalhão). Um dos maiores traços de sua personalidade musical era, segundo testemunho dos seus contemporâneos, o seu talento para a improvisação, o que infelizmente, não podemos presenciar.

É na improvisação que o músico se sente mais perto da felicidade da criação, quando o som realmente lhe pertence.

Como descrever a natureza do som que torna os músicos tão felizes e suspeitos?

Felizes na sua expressão do momento, suspeitos por compartilharem de uma linguagem poderosa, dionisíaca, diabólica, que, uma vez acabada a festa, faz que eles sejam mandados sair pelos fundos.

É mais fácil apelar para a ficção e para a anedota para tentar chegar mais perto dessa realidade.

Assisti, há pouco tempo, num filme russo ("Taxi blues") a história de um saxofonista, que sofre todo tipo de discriminação social. Mas, fala com Deus, segundo suas próprias palavras, quando está tocando. Comunica-se com o impalpá-

vel e graças a essa comunicação consegue mudar até os rígidos conceitos de vida de seu amigo, motorista de táxi. O som criado na sua ilha egocêntrica dá-lhe o poder de comover o outro até as lágrimas.

Passando férias num sítio, num arraial muito isolado da Serra da Mantiqueira, nos anos em que ainda não tinha luz elétrica, eu estava ouvindo num toca-discos de pilhas uma música. Apareceu um homem muito simples e pobre, ferreiro, violonista e bebedor nos seus momentos de lazer e boemia — ele pediu licença — "Eu estava passando na estrada, ouvi um som, posso entrar?" — "Entre, Sr. Olavo. Ele sentou, ficou no maior recolhimento e no final declarou — "Essa é uma música muito importante! Era um quarteto de Mozart para flauta e cordas.

Já vi Hermeto Pashoal entrar num furor leonino no palco do Palácio das Artes em Belo Horizonte, quando o gerente do teatro lhe fez chegar, no meio de uma improvisação instrumental, a ordem de parar de tocar porque o tempo do espetáculo tinha se esgotado. Ele não tinha sensibilidade para perceber que o tempo da arte (criação) foge ao tempo dos relógios.

Quem é o dono do som? Desse momento de criação onde toda a afetividade é envolvida?

Na Idade Média, um pobreto estava na frente de uma Rôtisserie, aspirando o cheiro de

um apetitoso assado. Veio o dono do estabelecimento: — Você tem que pagar! Pagar? O cheiro?

Ele jogou uma moeda no chão, a fez.

ressoar e a recolocou no bolso.

Pagar o cheiro? só com o som.

Perfume, som, tão impalpáveis quanto o ar que os carrega. Concluimos com Debussy (Prélúdios):

Des sons et des parfums tourment dans l'air du soir...

Que em português, em tradução livre, deve ser algo como: "Sons e perfumes volteiam na atmosfera da noite"...

NOTAS

Referentes às Lettres de Mozart — CURZON

1) Kleinmayer — Diretor dos Arquivos em Salzburgo. Bonike — Secretário Intimo do Consistório do arcebispo em Salzburgo.

2) Conde d'Arco — Grande "Chambellan" do arcebispo de Salzburgo.

3) Savioli — Conde — Intendente da música em Manheim.

4) Chabot — Duquesa — filha do Conde Stafford.

5) Subscrição — Mozart vendia com antecipação suas composições para ter fundos para mandá-las imprimir. Vendia também entrada para seus concertos.

6) Thun (Condessa) nascida Uhlefeld. Nora do Conde Thun, de Linz, morando em Viena. Pianista, aluna de Mozart, mulher de grande distinção, muito amável e talentosa. Grande admiradora de Mozart e de toda sua família.

7) Waldstadten — Baronesa nascida em Schafer. Protetora e aluna de Mozart — pianista.

8) Puchberg, (Michel) Grande negociante em Viena — a esposa dele mesmo amigos do Mozart. Emprestava dinheiro, a juros (agiotaria), a Mozart

BIBLIOGRAFIA

BARTH, Karl. Wolfgang Amadeu Mozart. Ed. Labor e fides, Rio de Janeiro, 1956.

BUENZOD, Emmanuel. Mozart. Reider, Paris, 1930.

CASTRO, Ruy. Chega de Saudades. ed. Sahevarz, São Paulo, 1990.

CURZON, Henri. Lettres de Mozart. (Tradução do alemão) Helcher, Paris, 1988.

CURZON, Henri. Vida de Mozart. Atena Editora, São Paulo.

GHEON, Henri. Pronema des ave Mozart. De Brouwer, 1975.

GONÇALVES, Joaquim Freitas. Mozart. O Gênio de Salzburgo. Col. Lopes da Silva, Porto, 1943.

HOCQUARD, Jean Victor. La Personnalité de Mozart. Ed. du Senil, Paris, 1958.

MORÉ, Marcel. Le dieu Mozart et le monde. Gallimard, Paris, 1971.

PETERNELL, Pert. La Vie passionnée de Mozart. Intercontinentale Paris, 1956.

*ODETTE ERNEST DIAS francesa de nascimento e mãe de família brasileira. Além de suas imperdíveis apresentações como flautista, revela-se também como pesquisadora e escritora.

Endereço para correspondência: SGS 311, bloco E, ap. 506, 70.364, Brasília, DF.



Pauta Musical do século 19

de perulário que lhe foi atribuída recentemente.

(Mozart) ... Não posso pagar agora nem mesmo a metade da quantia que tomei emprestada. Se eu soubesse que a subscrição dos meus concertos andaria tão devagar, eu teria pedido dinheiro emprestado com prazo maior (carta 237, à baronesa Waldstadten, Viena, 16 de fevereiro de 1783) — e, mais perto do fim da sua vida, um grito desesperado:

...Eu o suplico, conjuro, em nome de Deus de me conceder esse socorro imediato, junto com um conselho e uma consolação. (carta 257 — ao Sr. Puchberg8, Viena, 17 de julho de 1788).

Como explicar o processo de criação se existe tamanha opressão social e se as dificuldades financeiras tiram da alma a tranquilidade necessária?

Mozart declara: ...Preciso

xões como: Vocês parecem tão felizes quando tocam. Realmente, a necessidade de criar o som produz um estado de profunda euforia. O músico nesse momento se torna o dono do tempo, dono do mundo, um rei todo-poderoso. Depois, recebe a vingança social.

Mozart já foi retratado como louco, inconveniente, imprevidente. Esse seu caráter desprevenido era também a mola que o impulsionava para a brincadeira com as palavras (as suas famosas piadas!). Essa facilidade para improvisar permitia-lhe concentrar-se a fazer trocadilhos e ainda se absorver até com aparentes contradições, como, por exemplo, escrever quase simultaneamente a Flauta Mágica e o Requiem. Não existe incoerência entre a personalidade de Mozart e os episódios de sua vida profissional, de uma lado, e sua criação de outro lado.

O seu ilhamento (melhor de